

## **O "GUIA DAS ESCOLAS CRISTÃS": UM MARCO NO SURGIMENTO DA PEDAGOGIA MODERNA**

### **THE "CONDUCT OF THE CHRISTIAN SCHOOLS": A MILESTONE IN THE EMERGENCE OF MODERN PEDAGOGY**

*Clóvis Trezzi<sup>1</sup>*

---

**RESUMO:** O presente artigo aborda o surgimento da pedagogia moderna no século XVII, partindo do pressuposto de que o "Guia das Escolas Cristãs", texto pedagógico de João Batista de La Salle, é uma obra que abre um novo paradigma: o de uma educação que segue os padrões metodológicos da ciência. Discute o "Guia" como principal obra de referência para a pedagogia moderna. Considera-se que as experiências pedagógicas das primeiras Escolas Cristãs, instituto fundado por La Salle, são referência para a elaboração do "Guia". Ao partir da experiência educativa, La Salle organizou as escolas de um método pedagógico. La Salle pode ser considerado um reformador da educação e sua obra educativa tem um grande peso na formação da pedagogia moderna. Esta pesquisa conclui que o modelo científico adotado por La Salle no "Guia das Escolas Cristãs" influenciou toda a elaboração dos processos educativos posteriores ao seu século e até mesmo a educação contemporânea.

**Palavras-chave:** Guia das Escolas Cristãs. Pedagogia moderna. La Salle.

---

**ABSTRACT:** This paper deals with the emergence of modern pedagogy in the 17th century, assuming that the *The Conduct of the Christian Schools*, a pedagogical text by John the Baptist De La Salle, is a work that opens a new paradigm: that of an education that follows the methodological standards of science. It discusses the "Conduct" as the main reference work for modern pedagogy. It is considered that the pedagogical experiences of the first Christian Schools, institute founded by De La Salle, are reference for the elaboration of "The Conduct of Schools". Based on the educational experience, De La Salle organized schools using a pedagogical method. De La Salle can be considered a reformer of modern education and his educational work has a great weight in the formation of modern pedagogy. This research concludes that the scientific model adopted by De La Salle in "The Conduct of the Christian Schools" influenced the whole elaboration of the educational processes after its century and even the contemporary education.

**Keywords:** The Conduct of the Christian Schools. Modern pedagogy. De La Salle.

---

1 Doutor em Educação pela Universidade La Salle Canoas (2018); Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (2010); Professor da área de Educação e Cultura na Universidade La Salle.

## Introdução

Este artigo apresenta o pensamento pedagógico de João Batista de La Salle (1651-1719), reformador da educação e criador de escolas populares na França nos séculos XVII e XVIII. O estudo está direcionado especialmente ao “Guia das Escolas Cristãs”, obra de referência para a educação francesa que teve sua primeira versão manuscrita divulgada em 1706 e a primeira edição impressa em 1720 (LAURAIRE, 2014, p. 7).

O objetivo é encontrar no “Guia” elementos que o colocam como um marco da transição de uma escola mais natural e espontânea, não organizada, para uma que segue padrões pautados pelo pensamento moderno, ou seja, metódico e organizado. Junto com outros pedagogos do seu tempo, mormente Comenius, Batencour e Démia (GAUTHIER, 2014, p. 102), La Salle ajuda a inaugurar um novo paradigma na educação moderna. Como obra pedagógica, o “Guia das Escolas Cristãs” é um marco desse novo pensamento pedagógico, ao lado da “*Didactica Magna*”, de Comenius.

Se as raízes da pedagogia moderna remontam ao século XVII, a escola como instituição social já existia na Antiguidade. Na tradição ocidental, ela remonta pelo menos ao período da Grécia Clássica. Os primeiros registros, porém, da existência de uma educação instituída, provêm do Antigo Egito (MANACORDA, 2010, p. 31).

De qualquer maneira, pode-se dizer que história da educação e história da humanidade caminham juntas. Todo agrupamento humano precisa de uma espécie de educação para progredir. Ainda que de maneira informal - ou mesmo formal, com ou sem uma escola organizada -, ela existe em todos os povos. Ritos de iniciação e de passagem, que também acontecem na escola, têm lugar nas sociedades tribais para assinalar uma mudança etária ou um processo de aprendizagem, muitas vezes estando associados esses dois elementos.

O surgimento da educação atendeu a uma necessidade básica de uma humanidade em evolução: a transmissão da cultura. Ela serve para que os modelos de pensamento e de conduta sejam transmitidos e adquiridos através

do processo de desenvolvimento humano. Ou, então, algo mais comum na pedagogia moderna, para que esses modelos possam ser questionados.

Nem sempre, porém, a escola teve como uma das funções questionar a ordem social. Só depois da Idade Média, já nos anos 1600, essa reflexão começou a ser feita. O presente artigo trabalha a partir desse período, mais especificamente o surgimento das Escolas Cristãs, rede de escolas criada por João Batista de La Salle, sacerdote francês, no final do século XVII.

## **1. O nascimento do “Guia das Escolas Cristãs”**

O que permite uma mudança de época é, geralmente, o surgimento de um novo paradigma. Assim foi, por exemplo, com a passagem da Idade Média para a Modernidade na metade do milênio passado. Para Le Goff (1990), a palavra “moderno” significa o rompimento com aquilo que é antigo, passado, arcaico. Visto por essa ótica, sempre que ocorre uma mudança de paradigma, o novo que surge passa a ser moderno, e aquele superado se torna antigo.

O uso da expressão “pedagogia moderna” segue esse princípio. Esta nova pedagogia não surgiu na passagem da Idade Média para a Moderna, mas foi se configurando a partir da nova matriz de pensamento que se desenvolveu nessa passagem. Isso aconteceu mais de um século depois do fim da Idade Média, tendo como marco o nascimento de um novo modelo de escola, organizada a partir da nova compreensão de mundo que se desenhava.

O educador francês João Batista de La Salle é um dos responsáveis por essa nova escola. Não exatamente como um teórico da educação, mas como alguém que criou um modelo de escola que se encaixava nos moldes da ainda incipiente ciência moderna. A observação do cotidiano escolar aliado a um estudo sobre a realidade das crianças teve como resultado a adequação de sua rede de escolas a esse cotidiano e a essa realidade. Junto com outro educador chamado Adrien Nyel, La Salle desenvolveu, a partir de 1680, uma rede de escolas gratuitas, desenhada para atender os filhos dos artesãos e dos pobres, que rapidamente se espalhou por toda a França.

O contexto educacional geral, à época, era de uma escola sem uma estrutura básica. Professores sem formação recebiam alunos na sua própria casa ou em outros ambientes para ensinar-lhes o pouco que sabiam (ARIÈS, 2015). As políticas educacionais restringiam-se a uma lei de 1698, sancionada por Luís XIV, que instituía a obrigatoriedade da frequência escolar (HENGEMÜLE, 2007, p. 18). Isso, na verdade, já era um grande avanço em se tratando de políticas públicas, visto que a educação se concentrava, basicamente, nas mãos da Igreja Católica e dos protestantes.

La Salle, sacerdote, originário de família nobre, teve acesso a uma educação de qualidade, no melhor colégio de Reims. O modelo de ensino dominante era o método individual, restringido a "algumas facetas do ensino, tais como ler, copiar, aprender de cor, comentar os autores clássicos" (GAUTHIER, 2014, p. 104). Não era comum existirem turmas de alunos, a não ser nos colégios. Ou melhor, eles se reuniam no mesmo espaço, não divididos por idade, mas pelo desejo de aprender. Reunir-se no mesmo espaço não significava formar turma por série, mas simplesmente cada um esperar sua vez de ser ensinado. Assim, numa mesma escola e em um mesmo ambiente, reuniam-se desde crianças até jovens de 18 anos ou mais, pois não havia uma preocupação muito grande em separar infância de adolescência e juventude (ARIÈS, 2015, p. 112-113).

Para os mais ricos, havia escolas melhores e especializadas; os mais pobres deviam contentar-se com as escolas de caridade, ligadas às paróquias (HENGEMÜLE, 2007, p. 17). Para o acesso a essas escolas era necessário comprovar, através de documento público, a pobreza. Não era consenso na época, a despeito do decreto do Rei, que a educação fosse destinada a todos. Políticos e mesmo membros da burguesia manifestavam-se contrários à educação universal (HENGEMÜLE, 2007, p. 19). Como argumento, se dizia que haveria um risco para o equilíbrio social e econômico, pois já não haveria trabalhadores para a agricultura e soldados; todos os que soubessem as letras desejariam ser ricos e poderiam contestar o poder do Estado. Essas preocupações, apresentadas por Hengemüle, eram suficientes para que não se estimulasse a ida dos pobres à escola. Somava-se a isso as necessidades das famílias, que precisavam do trabalho das crianças para conseguir um pouco mais

de dinheiro, além da despreocupação dos pais, que não davam importância à aprendizagem (HENGEMÜLE, 2007, p. 36; LA SALLE, 2012b, p. 197). Com isso, o discurso de que a escolarização não era necessária para todos ganhava força.

Nesse contexto, surgiu em La Salle a vocação de educador. Sacerdote bem instalado no cabido da Catedral de Reims, com um polpudo salário de cônego, contava também com os recursos da família, que não eram poucos. O interesse pela educação surgiu a partir do encontro com Adrien Nyel, que lhe propôs uma parceria na abertura de escolas gratuitas para os pobres (MORALES, 1990). La Salle teria aceitado, a princípio, ser o patrocinador do projeto, e, aos poucos, foi-se envolvendo com a ideia a ponto de não mais poder sair:

Pelo que me parece, esse foi o motivo por que Deus, que tudo governa com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a inclinação dos homens querendo levar-me a assumir o inteiro cuidado das escolas, o fez de modo bem imperceptível e ao longo de muito tempo, de maneira que um compromisso me levou a outro, sem que o tivesse previsto desde o começo. (LA SALLE, 2012d, p. 7).

A grande quantidade de crianças pobres na França e o desejo de La Salle de colocá-los na escola serviram como motivação para criar o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, instituição de direito canônico, que se transformou em Congregação Religiosa. Era com esses, assim chamados, Irmãos que La Salle abriu diversas escolas gratuitas para atender especialmente aos pobres, não fazendo, porém, acepção de classe social (HENGEMÜLE, 2007).

Dentro desse contexto econômico, político, religioso e social, o desenvolvimento da escola de La Salle pode ser considerado ponto de partida para um novo paradigma na educação: as escolas com caráter científico. Estas escolas, que se desenvolveram em rede, tinham diversos elementos de novidade: a) um método; b) uma planta arquitetônica padrão, com modelos de móveis desenhados para cada idade; c) a associação entre os ensinamentos religiosos e os ensinamentos científicos; d) professores formados especificamente para educar; e) um conjunto de regras internas que davam unidade às escolas e aos professores; f) um uniforme (hábito) para os professores; g) um público alvo (os filhos dos artesãos e dos pobres); h) uma matriz curricular e um calendário de dias letivos, feriados e dias santificados; j)

um diálogo com as famílias dos alunos; l) o compartilhamento e troca de experiências entre os professores.

É especialmente este último elemento que confere à pedagogia de La Salle de uma certa cientificidade. As experiências compartilhadas foram compiladas em um livro que se transformou no guia para todos os professores. Este livro, intitulado em francês *Conduite des Écoles Chretiennes*, traduzido para o português como “Guia das Escolas Cristãs” é, de fato, um manual de pedagogia, que descreve o todo da escola, da gestão administrativa à gestão do espaço escolar e da sala de aula, além de dar dicas de como o professor deve agir diante de cada situação. O fato de ter sido elaborado a partir da observação dos 30 primeiros anos de compartilhamento de experiências, como descrito no prefácio, faz com que não seja um texto piedoso, mas um livro técnico com base prática:

Este Guia só foi redigido em forma de regulamento após numerosas trocas de ideias entre os Irmãos mais antigos desse Instituto e os mais aptos em dar aula, e após experiência de vários anos. Nada foi nele introduzido que não fosse muito consensual e bem comprovado, de que não se tivessem ponderado as vantagens e inconvenientes e previsto, tanto quanto possível, as boas ou as más consequências. (LA SALLE, 2012b, p. 19).

O “Guia” é desprovido de grandes teorias, mas essencialmente prático, que tinha por objetivo fazer as escolas funcionarem com uniformidade, e funcionarem bem (LA SALLE, 2012b, p. 19). O fato de não ser um manual teórico não o torna menos importante; pelo contrário, o ideário deste livro leva seu autor/compilador a figurar entre os grandes pensadores da educação, embora pouco reconhecido pela comunidade acadêmica.

## **2. O ideário do “Guia das Escolas Cristãs”**

Podemos considerar La Salle um pedagogo dentro do seu tempo. Incompreensivelmente, muitos historiadores da educação silenciam a seu respeito. Em importante artigo, Tagliavini e Piantkoski (2013) e, mais recentemente, Pauly, Casagrande e Corbellini (2018) questionam esse esquecimento chamando-o de “silêncio eloquente”. Isso porque os poucos autores que o mencionam são unânimes acerca da sua importância para

pedagogia moderna. Ele é reconhecido como o criador da Escola Normal (CHARTIER, 1997; MORALES, 2001; SAVIANI, 2005; TANURI, 2000). Apesar desse reconhecimento, há pouco espaço para ele nos livros de história da educação.

La Salle é herdeiro da tradição pedagógica que nasceu com o humanismo quinhentista. Hengemüle (2007) o classifica como realista. Essa classificação se justifica porque, de acordo com Gauthier (2014), na segunda metade do século XVII o pensamento próprio do humanismo renascentista começava a mostrar-se superado e La Salle foi um dos educadores que partiu para a ação, não se limitando a escrever sobre educação.

O humanismo foi muito importante para o desenvolvimento da pedagogia moderna. Seu período histórico coincide com o Renascimento (a partir do século XIV), tendo seu auge no século XVI. Gauthier (2014) recorda que o humanismo trouxe à tona o antropocentrismo que, por sua vez, ao valorizar o ser humano, despertou para a necessidade de educa-lo. Ariès (2015), por sua vez, mostra que a valorização do humano fez nascer o conceito de infância e, deste conceito, a compreensão da necessidade de educar as crianças.

Pode-se afirmar que as escolas de La Salle eram realistas, pois tinham os pés no chão: foram criadas para atender as crianças pobres, dando-lhes educação de qualidade; só podiam ser abertas quando houvesse garantias, por meio da comunidade local, de que poderiam ser mantidas com doações, já que eram gratuitas (HENGEMÜLE, 2007); contavam com várias inovações pedagógicas - um método de ensino, um currículo avançado, um sistema de avaliação, um sistema de seriação, uma forte ligação com a vida (GAUTHIER, 2014; MANACORDA, 2010); um objetivo específico; um reconhecimento da criança como ser humano, tudo isso descrito em detalhes nas páginas do "Guia das Escolas Cristãs".

Manacorda consegue expressar com clareza o que significou para a educação esta mudança de época:

[...] há algo novo, que o humanismo não conseguira descobrir, mas que encontramos nos reformadores, nos utopistas e nos revolucionários: a exigência cortesã torna-se popular e o que era aristocrático torna-se cada vez mais democrático. Educar humanamente todos os homens torna-se o grande objetivo da

educação moderna: de várias maneiras, com diferentes iniciativas e não sem graves recaídas no paternalismo e no assistencialismo, os iluministas, os novos utopistas, os reformadores e os revolucionários deste século tentam concretizar este ideal. (MANACORDA, 2010, p. 288).

Apesar de inovador, o "Guia das Escolas Cristãs" assume e sistematiza um conjunto de ideias que já vinha sendo discutido na sua época. Gauthier (2014) enumera vários autores (Margolin, Feltre, Garin, Rabelais, Erasmo, Dêmia, Batencourt) que já, desde o século XVI, pensavam numa proposta educacional diferenciada. Talvez o mais conhecido a defender uma escola universal, organizada, estética e de ensino simultâneo seja Comenius. É possível dizer que La Salle, conhecendo ao menos algumas ideias desses pensadores que lhe antecederam, tenha feito uma síntese das mesmas.

Os elementos que apresentamos a seguir são todos pinçados do próprio "Guia". No dizer de Manacorda (2010, p. 178), uma leitura do mesmo nos leva a adentrarmos na própria escola, tal a riqueza de detalhes com que o autor a descreve.

O "Guia das Escolas Cristãs" apresenta um método de ensino claro e objetivo, que descreve todas as atividades escolares, desde o primeiro dia, orientando o comportamento tanto do aluno quanto do professor. Um dos elementos mais importantes, nesse método, é o silêncio de ambos. O método consta de um modelo de alfabetização e aprendizagem dos números (com a descrição exata de como deveriam ser os cartazes e quadros); de critérios de avaliação para a mudança de nível de aprendizagem; dos elementos importantes para o professor que levarão a uma aprendizagem mais rápida e eficaz; da aprendizagem das orações e catecismos; do estudo das boas maneiras; da aprendizagem gradativa; da utilização dos alunos como mediadores no processo de aprendizagem. O ensino era simultâneo, não havendo seriação nos moldes atuais, mas uma progressão para a classe seguinte de acordo com o ritmo individual, que era avaliado continuamente e registrado nos catálogos.

Além do método, La Salle apresenta uma visão muito clara da estética da escola. Em um capítulo, curto mas completo, descreve em todos os detalhes como deve ser este espaço (LA SALLE, 2012b, p. 235). A organização não era aleatória, mas obedecia a um objetivo: para que "mestres e alunos possam

cumprir nelas facilmente seus deveres" (LA SALLE, 2012b, p. 235). O pedagogo continua: "Os espaços sejam tais que não se necessite nem subir, nem descer; a porta de entrada esteja, quanto possível, localizada de maneira que os alunos não passem por outras salas para entrar na sua". (LA SALLE, 2012b, p. 235). Segue, assim, descrevendo cada um dos ambientes e o mobiliário, sempre com o objetivo de tornar a escola um lugar agradável e propício à aprendizagem.

Há, ainda, no "Guia", orientações para a gestão da escola; dicas concretas sobre a condução das aulas; uma descrição dos castigos e punições - e as condições para que fosse ou não aplicadas (essa descrição, aliás, mereceu sérias críticas de Foucault, no seu livro "Vigiar e punir"); uma apresentação clara dos papéis de cada um dentro do ambiente escolar; o processo de formação de novos professores e de sua introdução gradativa no mundo da escola.

Merece destaque, porém, a visão de pessoa que aparece no "Guia das Escolas Cristãs". Como sacerdote, La Salle uniu o processo educativo com o estudo da religião. O objetivo da educação era a salvação dos alunos (LA SALLE, 2012c). Por salvação ele compreendia, além da salvação das almas, aquela relacionada aos males deste mundo. Mais do que isso, no "Guia" está subjacente uma ideia profunda de respeito ao ser humano. Como exemplo, podemos tomar o capítulo, um dos mais longos, que trata dos castigos e punições (LA SALLE, 2012b, p. 155-187). Depois de uma descrição crua de cada uma delas - "1. a palavra; 2. a penitência; 3. a palmatória; 4. as varas; 5. o açoite; 6. a expulsão da escola" (LA SALLE, 2012b, p. 158) - e das maneiras e critérios para a sua aplicação, aparece uma lista de condições para que as mesmas sejam aplicadas e uma relação de falhas a serem evitadas na aplicação das mesmas. Essas condições são tão severas que a aplicação das mesmas é praticamente inviável. Podemos citar a oitava, que diz o seguinte: a punição seja "voluntária, aceita da parte do aluno, devendo se tratar de obter a livre anuência dele ao castigo, fazendo-lhe compreender que o mereceu [...]" (LA SALLE, 2012b, p. 165). Ao mesmo tempo, por diversas vezes afirma que, se for para pecar por excesso, que seja de brandura antes que de dureza.

Outro destaque merecido é uma espécie de psicologia diferencial usada no "Guia", muito antes do surgimento dessa expressão. São descritos os diversos tipos de alunos que podem surgir - os estouvados, os malandros, os tímidos, os

teimosos, os mimados, etc.- e a melhor maneira de lidar com cada um deles, para que, em vez de serem punidos, se busque o seu crescimento.

Em todo o processo pedagógico, o aluno era protagonista. Essa compreensão ganha reforço quando, no decorrer de todo o "Guia", são descritas todas as funções a serem exercidas pelos alunos. Percebe-se que o professor exerce a função de mediador do processo. Praticamente tudo o demais, no que se refere às coisas práticas, é feito pelos próprios alunos. Ao professor cabe a tarefa de ensinar, sem perder tempo com as pequenas coisas como distribuir e recolher papéis. Com isso, além de ser facilitado o trabalho do professor, se propiciava um envolvimento maior dos alunos, o que os atraía para a escola. Esse era, aliás, um dos princípios de La Salle: que os alunos se sentissem atraídos pela escola, seja pela bondade do professor ou por outra motivação (LA SALLE, 2012b, p. 193).

A preocupação do "Guia" com a preparação do estudante para a vida de maneira metódica e com caráter científico é assim descrita por Manacorda (2010, p. 282):

Na sexta ordem da escrita redonda e na quarta da escrita cursiva, introduzia-se um conteúdo que, pelo nome, parece nos levar atrás, mas que, na realidade, é a parte mais inovadora destas escolas: a ortografia; [...]. Indicam-se, em seguida, algumas destas escritas burocráticas, cartoriais e privadas: contratos, quitações, obrigações, procurações etc., que, após os exercícios de transcrevê-las, os próprios alunos as escreviam sem mais copiá-las. Dessa forma, sob o título antigo de ortografia, escondia-se o fato mais moderno dessa escola.

Chama a atenção essa relação direta da aprendizagem com a realidade do educando. É mais do que aprender a escrever para depois utilizar a escrita na vida ou em uma profissão; é a aprendizagem da profissão conjuntamente com a da escrita, o que inaugura uma nova compreensão, a de que a educação deve estar integrada à vida do educando. Isso em uma época em que, de acordo com Ariès (2015), ainda havia pouquíssima preocupação com a criança enquanto tal.

Todo o "Guia das Escolas Cristãs" tem como elemento transversal a importância dada à figura do ser humano presente na escola - aluno e professor - e aos objetivos do processo educativo. Tudo isso é fundamental para a pedagogia moderna, que deu origem à escola atual.

### **3. O “Guia das Escolas Cristãs”: contribuições para a pedagogia moderna**

Gauthier (2014, p. 112) define pedagogia como

[...] o estabelecimento de um método e de procedimentos detalhados e precisos para dar aula. Esses processos implicam a consideração da organização do tempo, do espaço, dos conteúdos a serem vistos, da gestão disciplinar; em suma, trata-se de um método que rege a totalidade da vida escolar, dos microacontecimentos aos aspectos mais gerais, da chegada dos alunos à sua saída, do primeiro ao último dia do ano letivo.

Nesse sentido, a contribuição do “Guia das Escolas Cristãs” é inegável. Como já citado anteriormente, La Salle não foi o único a pensar uma escola com todos esses aspectos. Tampouco foi o primeiro a tentá-lo. Contudo, é importante destacar que teve êxito na sua missão. Partir das experiências anteriores certamente fortaleceu o seu empreendimento. Uma das provas de que ele partiu de outras experiências está em uma das suas cartas, destinada ao Irmão Gabriel Drolin, que se encontrava em Roma, datada de 1705:

Por favor, informe-se exatamente sobre o que é o Instituto dos Padres das Escolas Pias; que regras têm; como vivem e se governam; se estão muito difundidos; se têm Superior Geral e qual é o poder deste; se todos são padres; se exigem pagamento. Procure saber tudo o que puder e me comunique o mais detalhadamente que lhe for possível (LA SALLE, 2012a, p. 86).

Assim, baseado em ideias que já vinham sendo discutidas e na experiência, La Salle empreendeu uma obra educativa exitosa. É difícil descrever todas as contribuições dessa obra para a pedagogia moderna. O próprio método de ensino, acima descrito, é uma delas. Além disso, destacamos: a importância dada à pessoa do aluno e do professor; o interesse em formar cidadãos; o questionamento à ordem social, política, econômica e religiosa vigentes; o ensino simultâneo; a formação de professores e a sua valorização; o sistema de avaliação; o rompimento de antigos paradigmas.

O “Guia das Escolas Cristãs” seguramente é um livro que se aproxima das modernas ciências da educação. Podem ser encontrados nele elementos de quase todas as ciências que embasam a pedagogia contemporânea.

A **sociologia** aparece na definição do público alvo da sua educação (os filhos dos artesãos e dos pobres); na capacidade de estudar a realidade das famílias para decidir se e quando os filhos poderiam sair da escola para ajudar os pais no trabalho; na definição do papel da escola (educar para a vida e para a inserção da criança na sociedade).

A **biologia** aparece na preocupação em ensinar os hábitos básicos de higiene; na educação para a saúde; nos cuidados com os alimentos.

A **antropologia** fez com que ele pensasse uma escola que formasse o ser humano na sua integralidade, em todas as suas dimensões: físico, psíquico, espiritual.

A **psicologia** levou-o a elaborar os fundamentos de uma pedagogia do afeto e do cuidado; a pensar formas de educar crianças de diferentes personalidades, com foco na formação do indivíduo; a pensar um esquema de avaliação que priorizava os processos individuais de aprendizagem; a organizar formas de lidar com as famílias e a estruturar um modelo de educação para os valores.

A **arquitetura** ajudou a desenvolver ambientes e mobiliário escolares avançados tecnicamente e com boa qualidade e iluminação. A preocupação com uma escola que fosse esteticamente organizada fez com que La Salle não pensasse apenas métodos de ensino, mas toda uma arquitetura escolar que fosse não apenas atrativa, mas também prática e ajudasse a colocar os métodos em prática.

Um exemplo da preocupação com a formação integral dos alunos pode ser encontrada na forma como o “Guia” ensina a manter uma boa postura na escola:

O mestre cuidará para os alunos manterem o corpo o mais ereto possível, inclinando-o somente um pouco para a frente, sem tocar a mesa, de maneira que, estando o cotovelo apoiado nesta, o queixo possa ficar encostado sobre o punho. É necessário que o corpo esteja um pouco voltado, desimpedido, para o lado esquerdo e que todo o peso do corpo caia sobre o mesmo lado. O mestre lhes fará respeitar com exatidão todos os aspectos referentes à

postura do corpo, de acordo com as normas da escrita (LA SALLE, 2012b, p. 73).

Ainda poderiam ser enumerados outros elementos que, para além de demonstrar que o método de educação de La Salle era um método científico, colocam o "Guia das Escolas Cristãs" entre os textos educacionais de maior relevância para sua época e talvez da modernidade.

## **Conclusão**

Este artigo apresenta as bases de uma pesquisa no campo da história da educação que visa inserir o "Guia das Escolas Cristãs" entre os modernos manuais de ciência da educação. Esta ousa afirmar que as bases mais consistentes da pedagogia moderna e contemporânea aparecem explicitamente neste livro e nos outros escritos pedagógicos de La Salle.

O que se conclui desta pesquisa é que, ainda que sendo teólogo e doutor em Filosofia, La Salle abstraiu o suficiente da experiência educativa para compreender que a educação não se basta a si mesma. A escola não pode arrogar-se o direito de ser ela a criar as bases para a ciência; é nas ciências que a educação busca apoio para desenvolver-se e desenvolver a sociedade.

Este pensamento interdisciplinar não era próprio do século de La Salle; pelo contrário, como desenvolve a excelente obra de Boaventura de Sousa Santos, o paradigma dominante até o século XX era de uma ciência autossuficiente e desapegada de todo e qualquer pensamento interdisciplinar (SANTOS, 2010).

O sentido da interdisciplinaridade hoje é imprescindível para a compreensão de qualquer ciência ou da educação. A dimensão planetária do mundo, mais do que a globalização ou o mundo líquido, vai ao encontro do paradigma emergente de Boaventura de Sousa Santos. No século XXI, nenhuma disciplina, nenhuma matriz científica, nenhum conteúdo bastam a si mesmos. Nem a Teologia. Nem o ser humano. O sentido de complementaridade está muito presente na vida humana e na sociedade. As estruturas mentais hoje não são as mesmas do século passado.

Assim, o novo paradigma do século XXI, ainda em construção, é o de um mundo em contínua relação. Um dos núcleos do pensamento weberiano, de que o ser humano está amarrado à teia de significados que ele próprio teceu, pode ser uma das chaves que abre as portas a esta nova modernidade ou pós-modernidade, tão bem sistematizada por Edgar Morin e Zygmunt Bauman.

A aparente contradição que existe entre o ser humano amarrado à teia de significados e uma revolução tecnológica que conduz ao individualismo – e à aniquilação do ser humano parece ser a mesma contradição que existe entre o ser humano apegado às redes sociais que, apesar de sociais, servem mais ao isolamento das pessoas do que às relações de convívio. Talvez este seja um dos motivos para as crises do século.

A construção de uma ciência relacional, que não existe mais para si mesma, poderia ser o movimento que superaria a dicotomia gerada entre as teias de significados e o individualismo. Contudo, ela parece só aumentar o próprio paradoxo.

O “Guia das Escolas Cristãs” trouxe, já no distante século XVIII, uma tentativa de superação deste elemento ao pensar um ser humano não fragmentado. Esta concepção antropológica, presente no núcleo da pedagogia de La Salle, fez com que o autor pensasse um projeto de **educação integral** da **pessoa integral** (a repetição da palavra é proposital). La Salle intuiu que quanto mais fragmentada a pessoa, maior a chance de o projeto educacional dar errado.

O “Guia das Escolas Cristãs” é um livro que apresenta uma epistemologia da educação moderna. Gauthier, Bisonette e Richard, ao embasar sua teoria do ensino explícito, demonstram isso. Afirmam que nesta pedagogia do século XVII “algumas estratégias de gestão dos aprendizados e gestão da classe foram elaboradas com muito capricho por experientes mestres infantis”. (GAUTHIER; BISONETTE; RICHARD, 2014, p. 23). Dizem os autores que estes métodos foram ficando obsoletos com o passar do tempo e substituídos por outros, que nem sempre conseguiram “se encarnar no cotidiano dos professores e modificar as práticas pedagógicas empregadas em sala de aula” (GAUTHIER; BISONETTE; RICHARD, 2014, p. 23). O pensamento pedagógico dos séculos XVII e XVIII, portanto, é muito rico e aproxima a educação dos modernos métodos científicos.

Este artigo, como explicado no começo desta conclusão, é resultado de uma pesquisa que visa resgatar no “Guia das Escolas Cristãs” os elementos concretos que embasam epistemologicamente a pedagogia moderna e contemporânea. Compreende-se que a construção da pedagogia de La Salle – e posteriormente dos Irmãos das Escolas Cristãs, instituto por ele fundado e que deu continuidade à sua obra – sempre foi pautada pelos padrões científicos, podendo ele ser considerado, com mérito, um grande pensador da educação do século XVII.

## Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização e formação dos professores da escola primária. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, p. 1-9, 1997. Disponível em:

[http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08\\_03\\_ANNE-MARIE\\_CHARTIER.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_03_ANNE-MARIE_CHARTIER.pdf). Acesso em: 11 maio 2021.

GAUTHIER, Clermont. O século XVII e o nascimento da Pedagogia. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, M (org.). *A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 101-127.

GAUTHIER, Clermont; BISSONNETTE, Steve; RICHARD, Mario. *Ensino explícito e desempenho dos alunos: a gestão dos aprendizados*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HENGEMÜLE, Edgard. *Educação Lassaliana: que educação?* Canoas: Salles, 2007.

LA SALLE, Juan Bautista. *Cartas*. Canoas: Unilasalle, 2012a. (Obras completas, v. 1).

LA SALLE, Juan Bautista. *Guia das escolas cristãs*. Canoas: Unilasalle, 2012b.

LA SALLE, Juan Bautista. *Meditações para o tempo de retiro*. Canoas: Unilasalle, 2012c. (Obras completas, v. 2b).

LA SALLE, Juan Bautista. *Memória dos começos*. Canoas: Unilasalle, 2012d. (Obras completas, v. 1).

LAURAIRE, Léon. *La guía de las escuelas: enfoque diacrónico evolución del texto de 1706 a 1916*. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli delle Scuole Cristiane, 2014. (Col. Cahiers Lasalliens, v. 67).

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORALES, Alfredo A. *Espíritu y vida: el ministerio educativo lasallista*. Bogotá: Monserrate, 1990. v. 1.

MORALES, Alfredo. *Pedagogía Lasallista: Asociados para una nueva propuesta educativa libertadora*. Lima: Distrito Lasallista de Perú, 2001.

PAULY, Evaldo Luis; CASAGRANDE, Cledes Antonio; CORBELLINI, Marcos Antonio. Entre omissão, desconhecimento e reconhecimento: João Batista de La Salle na pesquisa em educação no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, p. e230079, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230079.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

SAVIANI, Dermeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. *Educação*, Santa Maria, RS, v. 30, n. 2, p. 11-26, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3735/2139>. Acesso em: 11 maio 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 16. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

TAGLIAVINI, João Virgílio; PIANTKOSKI, Marcelo Adriano. João Batista de La Salle (1651-1719): um silêncio eloquente em torno do educador católico que modelou a escola moderna. *HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 53, p. 16-40, out. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640191/7750>. Acesso em: 11 maio 2021.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>. Acesso em: 11 maio 2021.

*Recebido em 17 de agosto de 2019  
Aprovado em 24 de maio de 2021*